

**ANÁLISE DO DISCURSO CIENTÍFICO  
EM UM ACERVO DE MEMÓRIA:  
O CASO DO CENTRO PAN-AMERICANO DE FEBRE AFTOSA  
OPAS/OMS**

*Dayse Carias Bersot* (UNIGRANRIO)

[dbersot@paho.org](mailto:dbersot@paho.org) e [bersot@gmail.com](mailto:bersot@gmail.com)

*Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima* (UNIGRANRIO)

[jpinheiro@unigranrio.com.br](mailto:jpinheiro@unigranrio.com.br)

**1. Considerações iniciais**

A tradição cultural presente nas sociedades modernas ocidentais privilegiou como maneira de transmissão dos acontecimentos a forma textual, embora alguns autores cheguem a afirmar que "não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral" (LARAIA, 1995, p. 53). Da mesma forma que a ciência, por exemplo, se apoia na materialização do conhecimento por meio do discurso escrito representados em normas, artigos científicos, patentes, documentos históricos, entre outros.

Com a inserção da escrita, formou-se uma cultura letrada nos ambientes onde ela foi introduzida e disseminada (BOLTER *apud* MARCUSCHI, 2004, p. 14). O discurso, tendo sua origem no formato textual, passou a ser analisado como um produto acabado de uma reflexão num dado momento, representando um posicionamento consciente de quem o produziu. Este discurso, além de possuir uma verdade, também apresenta significados que apontam para posições bastante distintas dos significantes que os originaram. Foucault (1985, p. 53) destaca que o desenvolvimento da ciência estaria baseado e ordenado na premissa onde poder e saber estariam ligados intrinsecamente, e que buscavam, através do discurso, "esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa" sobre seu objeto.

Os cientistas descreviam que a ciência não tinha a intenção de impedir a disseminação dos saberes, mas sim, circunscrevê-los num complexo universo de significados que ocultasse o transcorrer de suas descobertas e a constituição de seus resultados, além de exercer também um rigoroso controle sobre os discursos produzidos e saberes que seriam socialmente disseminados.

A proposta deste estudo é, então, proporcionar reflexões sobre as relações entre história, memória e discurso, com vistas a trazer a luz do conhecimento público o processo de interlocução entre esses três sujeitos a partir da produção e compreensão da linguagem existente no acervo do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa (PANAFTOSA), instituição internacional pertencente à Organização Pan-Americana da Saúde.

Diante deste contexto, considerando que as escrituras contidas em documentos, projetos, artigos e experimentos científicos podem abarcar múltiplas dimensões e funções, e que geralmente podem apresentar em seu discurso características peculiares a uma determinada forma, estilo ou identificar uma área do conhecimento, vê-se a necessidade de investigar a presença do discurso científico nos vários atalhos existentes através do conteúdo deste acervo que fundamentam em seus textos experimentos e experiências científicas realizadas em quase 61 anos de existência da instituição.

## **2. *A construção do discurso científico***

No que compreende o universo científico, percebe-se que o discurso tem fundamental importância para a área da ciência, pois é através das diferenças de opiniões e posicionamentos presentes nas representações discursivas que são caracterizadas e demarcadas determinadas áreas do conhecimento, além da busca por objetividade e universalidade que também fazem parte da constituição da ciência e sua diferenciação em relação aos demais saberes, ao cotidiano e ao senso comum. Como afirma Santos (1989, p. 32) no seguinte trecho: “Para se constituir, a ciência tem que romper com as evidências e ‘códigos de leitura’ do real que elas constituem, inventando um novo código... constituindo um novo ‘universo conceitual’, um novo sistema de novos conceitos e de relações entre conceitos”.

Esse processo, essencial para a identificação do saber científico e para a formação do cientista, resulta numa linguagem diferenciada, uma metalinguagem científica que permite o controle e estabelecimento de um conjunto de regras, segundo as quais, se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 2004, p. 13). Essa metalinguagem científica é constituída por códigos que circulam no seio da comunidade científica e que são dominados apenas por seus membros e pares, através de extenso treinamento.

Os códigos que constituem essa metalinguagem se apresentam predominantemente de forma neutra, objetiva, linear e a - histórica. O cientista resgata à memória do seu saber e ao relacionar-se com ela, assimila e o que pode, deve ou não ser dito, ocorrendo aí à inscrição do sentido na história (ORLANDI, 1997, p. 30). Diante deste contexto, o discurso científico é, portanto, um discurso próprio a ser interpretado dentro de uma formação discursiva específica.

Foucault (2004, p. 12) sinaliza que o estabelecimento do sentido de verdade é fruto de um processo coercitivo e produtor de efeitos regulamentados de poder. O sujeito se expressa na ilusão de controlar a origem de seu discurso, sem que se dê conta de que o que determina o sentido desse discurso é a história, que se manifesta através das diferentes formações discursivas nas quais se inscreve e das quais não pode se despojar. O próprio sujeito, os sentidos de seus discursos, o dizível e o não dizível são determinados pelas formações discursivas que operam através de memórias discursivas próprias às diversas posições desse sujeito, e que mostram as relações de poder estabelecidas para a determinação da verdade. Como destaca Orlandi (1992, p. 20), “As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer... O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores”.

Esse sujeito pertence simultaneamente a múltiplas formações discursivas, de acordo com as diversas posições em que esteja inserido como: gênero, raça, situação civil, profissão e os mais variados grupos sociais aos quais possa pertencer. Cada formação rege, de forma específica, a produção de sentidos permitidos, válidos: cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade; isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (FOUCAULT, 2004, p. 12). As diferentes formações discursivas equivalem à representação imaginária dos lugares sociais de um sujeito, e podem variar de acordo com as classificações já mencionadas: raça, gênero, origem e/ou situação social atual, profissão e outras formas de classificação. Não meras situações sociais empíricas ou apenas traços sociológicos, mas projeções de formações imaginárias constituídas a partir das relações sociais, que refletem a imagem que se faz, por exemplo, de uma cientista, de um professor, de um poeta, de um pai, motivo pelo qual Orlandi não menciona a situação, e sim, a posição do sujeito em relação ao que diz (1989, p. 130).

Os mecanismos de interpretação são definidos de acordo com a posição do sujeito no momento da fala. A mesma palavra tem diferentes significados se for dita por um sujeito pertencente ao universo dos cientistas ou se for dita por um sujeito que pertença ao grupo de poetas. Orlandi afirma ainda que:

É a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. Isso significa que as palavras, expressões etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Na formação discursiva é que se constitui o domínio de saber que funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (o que pode e deve ser dito) e, ao mesmo tempo, como princípio de exclusão do não formulável. (ORLANDI, 1988, p. 108).

Ao voltar para o discurso científico, constituído como uma metalinguagem que silencia os demais discursos possíveis. Constata-se que é no interior da comunidade científica que os sentidos são estabelecidos, e há a produção de uma verdade particular à qual o cientista está inserido. É pela assimilação de técnicas e procedimentos válidos que se justifica a obtenção e produção da verdade, e é pelo treinamento no uso e reprodução da metalinguagem científica, que a linguagem científica se constitui em seu discurso.

Ao postular um discurso neutro, único, objetivo, a ciência estabelece o que pode ou não ser dito, determinando o gesto de interpretação necessário ao seu entendimento. A ciência é construída a partir de memórias discursivas prévias, de uma formação discursiva que aponta para os sentidos possíveis e coíbe os demais sentidos, estabelecendo uma metalinguagem técnica, científica. O cientista recebe em seu treinamento os sentidos aceitos para determinadas formulações e os que não são, e dessa forma conhece o que é e o que não é permitido em sua área, através do domínio da metalinguagem específica, constituída através de uma memória discursiva prévia.

O domínio da linguagem técnica é parte importante do aprendizado do cientista... Nenhuma pessoa se propõe a ser químico, físico ou biólogo sem dominar o jargão de sua área... Mais do que para os discursos ordinários ou os das ciências humanas, vale certamente para o das ciências exatas a postulação de Pêcheux e Fuchs (1975) que colocam que o significado das palavras e enunciados dependem do discurso a que pertencem. Com base nesses discursos, e como consequência de um longo trabalho histórico, que tais palavras e tais enunciados têm uma leitura unívoca, e não em língua portuguesa, inglesa, espanhola etc.

Do ponto de vista do treinamento do cientista, parece evidente que ele implica um processo de subjetivação que produz como efeito um assujeitamento às regras do discurso de um grupo institucional. (POSSENTI, 1997, p. 20).

Ao se constituir, o discurso científico apaga as marcas dos outros discursos possíveis e da historicidade na formação dos sentidos, de onde vem à ilusão de universalidade. Ao fazê-lo, a história é silenciada e ressurge como um discurso pronto, acabado, a-histórico, mediando à relação do cientista com o mundo através da linguagem, determinando os sentidos de sua fala, filiando-o a uma formação discursiva própria, caracterizando-o, interpellando-o enquanto sujeito subordinado às regras dessa formação discursiva.

Nesse processo em que o discurso científico, se apresenta sob a forma de uma metalinguagem científica e como portador de verdade, apagando as relações de poder contidas em seu interior e apresentando as marcas da historicidade, que para Foucault, é belicosa, e não linguística e que diz respeito às relações de poder, e não de sentido (FOUCAULT, 2004, p. 5). Há um embate em torno do estatuto da verdade, do conjunto de regras segundo as quais se estabelece o falso e o verdadeiro (FOUCAULT, 2004, p. 13). Essa metalinguagem científica significa poder nas mãos do cientista que a produz, poder esse bem concreto, derivado de seu saber, e que lhe permite interferir politicamente, tanto para o favorecimento quanto para a preservação e extinção da vida no planeta.

### ***3. O discurso inscrito em um acervo de memória***

A análise do discurso propriamente dita surge, como uma disciplina que tem como propósito “problematizar” as maneiras de ler, considerando a opacidade como característica constitutiva da linguagem. Ao mediar à relação com o texto, essa “disciplina” possibilita que se enxerguem formas de significação que dificilmente seriam vistas sem os dispositivos teóricos de análise fornecidos por essa disciplina. A análise do discurso acredita que há mais sentidos além do que está explicitado na superfície linguística, portanto, não estabelece ao discurso um sentido único e fechado. Cabe ao analista explicitar o caminho pelo qual se chegou ao sentido evidente. Como mostra Maingueneau, na citação de Pêcheux:

... a análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos; apenas pretende construir procedi-

mentos que exponham o olhar leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito. (...) O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal. (PÊ-CHEUX *apud* MAINGUENEAU, 1987, p. 11)

A análise do discurso fornece um instrumental teórico adequado para a realização de uma leitura crítica dos discursos, sejam eles ligados a uma prática doutrinária explicitamente institucional, sejam eles ligados a práticas discursivas de acontecimentos cotidianos, considerados menos “rígidos” do ponto de vista da instituição.

O discurso inscrito através de textos que compõem uma coleção pertencente a um acervo institucional, é de certa maneira, parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio, sinaliza as diferentes vozes que podem ser percebidas em textos, documentos e imagens. Estes pressupostos trazem uma reflexão com o intuito de se entender o estudo de textos na amplitude da análise do discurso, onde as formações ideológicas são determinantes para o entendimento das práticas discursivas.

Trata-se de pensar o texto enquanto um objeto complexo e multifacetado, construído sócio-historicamente.

Na visão de Jacques Le Goff (1996, p. 536) a lembrança, ou o que fica do passado, não é exatamente o conjunto do que passou, mas o que se escolheu para ser recordado. O que deve ser ou não re recordado pelo tempo e por quem trabalha com ele: o historiador. Além dessa escolha, encontra-se o que foi deixado como herança do passado, os conhecidos monumentos, que nas palavras do autor são “um legado à memória coletiva”.

Segundo o autor, durante o tempo das sociedades sem escrita, a memória coletiva tinha o seu mito de origem, que era transmitido, por quem detinha o saber, oralmente. No entanto, a partir do surgimento da escrita, esse espaço de transmissão do saber se desloca a memória, então, se mantém por meio de suportes externos, o que faz pensá-la como algo artificial.

Com a escrita, a memória coletiva começou a ser transmitida não mais apenas pela fala, mas por meio de comemorações e por documentos/monumentos. Como exemplos, o autor estabelece os monumentos aos mortos, a fotografia, as estátuas, entre outros suportes que exercem a

função de estabelecer uma íntima relação entre a lembrança e o esquecimento. Essas manifestações tornam-se cada vez mais essenciais para a construção das identidades e são entendidas como instrumentos de poder. Poder que não aprisiona, mas liberta o passado para relacionar-se com o presente e o futuro.

Ao recorrer mais uma vez a Jacques Le Goff, percebemos que os monumentos vêm mostrar uma nova concepção de documento, diferente da defendida até o século XIX, em que só o texto escrito era considerado. No final da década de 1920 o conceito é ampliado, o documento não seria considerado tão somente o texto escrito. Assim escrevia Febvre em 1949: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas, pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem”. (FEBVRE, *apud* LE GOFF, 1996, p. 540).

Os documentos/monumentos não aparecem por acaso, aleatoriamente, eles são feitos, escolhidos, disseminados e preservados, com o propósito de representar e apresentar algo, tendo uma importância simbólica que vai além do que expressam quando estão sendo vistos. Por isso são usados como instrumentos de poder. Os monumentos são considerados documentos, quando frutos de uma sociedade, de um modo de vida, da representação de um poder. O documento/monumento está carregado de significados não só do tempo a que ele se refere, mas também do tempo que ele ainda perpetua, se manifesta e vive (NORA, 1985).

Nesse contexto, constata-se que o Centro Pan-Americano de Febre Aftosa – OPAS/OMS, um organismo internacional pertencente à Organização Pan-Americana e Mundial da Saúde localizado na cidade de Duque de Caxias/RJ e que funciona nas instalações de uma antiga fazenda no bairro de São Bento, possui um acervo documental de suma importância para as áreas de Saúde Pública e Saúde Pública Veterinária não só para o Brasil, mas para todas as regiões das Américas dando especial ênfase aos seguintes temas: febre aftosa e doenças vesiculares, zoonoses, inocuidade dos alimentos e segurança alimentar. Esse acervo de memória abarca todo o desenvolvimento e evolução dos experimentos científicos além da trajetória histórica da febre a aftosa; seus surtos, a produção de vacinas originada em Panaftosa, as publicações científicas mais relevantes, as normas e condutas laboratoriais desenvolvidas pela instituição e posteriormente multiplicada através de cursos e treinamentos a todos os laboratórios dos ministérios dos países das Américas, além de todo o conhecimento produzido pelos cientistas que trabalharam na instituição. (Organización Panamericana de la Salud, 1992).

Panaftosa, ao longo dos últimos sete anos vem passando por um processo paulatino de reestruturação e reposicionamento institucional. O resultado de orientações políticas internacionais, como também de um conjunto de evidências que apontavam para o quase “controle” da febre aftosa no continente, direcionava para uma necessária mudança de foco da instituição. Foi assim, que área de Gestão do Conhecimento e Comunicação (KMC – Knowledge Management Communication) começou a orientar um conjunto de novas práticas e estratégias institucionais.

Particularmente nas áreas de informação, comunicação e educação deu-se início a um processo de resgate da memória do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, que reafirma através de seus documentos, livros, revistas, imagens e informações publicadas nos mais variados meios e fontes, a importância da instituição no cenário da Saúde Pública e Saúde Pública Veterinária no Brasil e nos países que compreendem a região das Américas.

Neste sentido, surgiu um alerta para o cuidado fundamental que se deve dedicar à memória institucional como extensão necessária para que se pudesse estabelecer uma ligação entre passado e futuro. Memória não só para resguardar o passado, mas principalmente para orientar o futuro. Memória das competências profissionais, memória dos testes e análises, memórias dos surtos de aftosa e suas soluções, memória das vitórias conseguidas nos contextos político e científico, a memória dos equívocos cometidos e a memória de todo o aprendizado fornecido e recebido, que possibilitam uma abertura para o desenvolvimento de novas formas educação e aprendizagem.

Trata-se, portanto, da importância de lançar as bases de um amplo programa de construção da memória institucional, que perpassa preferencialmente pela identificação, organização e disponibilização dos registros de todo o conhecimento científico e tecnológico gerado pela instituição, em seus mais variados formatos, tipologias e conteúdos que contam e retratam a história deste centro que ao longo de seus sessenta anos de existência vêm contribuindo e apoiando a todas as iniciativas de educação, desenvolvimento técnico - científico e de suporte aos Ministérios e Secretarias de Saúde e Agricultura dos países das Américas em todos os desafios no combate e erradicação da febre aftosa, das zoonoses e atualmente nas questões ligadas a inocuidade dos alimentos e segurança alimentar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento” e “Memória”. In: \_\_\_\_\_. *História e, memória*. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. São Paulo, 1981.
- ORGANIZACIÓN Panamericana de la Salud. *Pro salute novi mundi: historia de la Organización Panamericana de la Salud*. Washington, D.C.: PAHO, 1992.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1992.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Leitura e discurso científico. *Cadernos Cedes*. Campinas, ano XVII, n. 41, p. 25-35, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli; GUIMARÃES, Eduardo; LARALLO, Fernando. *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sirio. Notas sobre linguagem científica e linguagem comum. *Cadernos Cedes*. Campinas: ano XVII, n. 41, p. 9-24, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.